

SESSÕES DO PLENÁRIO

12ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 26 de maio de 2022.

PRESIDENTE: DEPUTADO ROBINSON ALMEIDA LULA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho (*in memoriam*) ao pastor Djalma Rosa Torres nos termos da Resolução nº 2.042/2022, proposta pelo deputado Robinson Almeida.

Convido para compor a Mesa o Sr. Representante da família do pastor Djalma Rosa Torres, Maurício Torres, filho do homenageado; também representando a família do querido pastor Djalma, o seu irmão e querido amigo Paulo Torres; a Sr.^a Procuradora de Justiça Claudia Carvalho Cunha dos Santos, que neste ato representa a procuradora-geral de Justiça e presidente do Conselho Nacional de Procuradores-Gerais dos Ministérios dos Estados e da União, Norma Angélica Cavalcanti, por favor, Sr.^a Claudia Carvalho Cunha; o Sr. Reitor do Santuário São Raimundo e capelão da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, querido padre Lázaro Silva Muniz; a Sr.^a Presidente da Aliança de Batistas do Brasil, pastora Camila Oliver; o Sr. Representante da Igreja Batista de Nazareth, pastor Joel Zeferino; o Sr. Representante do Centro Umbandista Paz e Justiça, pai Raimundo de Xangô; a Sr.^a Representante do Terreiro Ilê Axé OmiOdé, mãe Antonieta; o Sr. Líder Espiritual do Centro Cultural Islâmico da Bahia, xeique Abdul Ahmad; a Sr.^a Diretora Executiva da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese), reverenda Sônia Mota; a Sr.^a Assessora para Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso do Conselho Ecumênico Baiano de Igrejas Cristãs (Cebic), reverenda Bianca Daébs; a Sr.^a Representante do Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC), Neidinha Rehem; e por último, o Sr. Representante da Igreja Evangélica Antioquia, pastor Expedito Carlos Lopes. (Palmas)

Convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Como proponente desta sessão especial, usarei a tribuna de honra para fazer o meu pronunciamento.

O Sr. ROBINSON ALMEIDA LULA: Mais uma vez, boa tarde a todos, cumprimentar e agradecer a presença da Mesa, dos familiares, dos amigos, de todos aqueles que conviveram ou têm uma referência do nosso saudoso pastor Djalma.

Vou fazer aqui a leitura da sua biografia, mas, durante, vou buscar também falar um pouco das relações que ao longo da vida desenvolvi com esse querido amigo.

(Lê) “Segundo mais velho dos 12 filhos de Antônio Torres e Angélica Rosa Torres, Djalma Rosa Torres foi nomeado pelos irmãos como o ‘irmão guia’. Nascido em

Itagi, na adolescência foi morar em Jequié com sua família, onde continuou os estudos. Seguindo a influência de sua mãe, que era evangélica batista, Djalma mostrava interesse pela religião. No início da juventude, já se destacava na igreja de Jequié, liderando os jovens. Nessa convivência com a igreja, desperta a vocação e toma a decisão de estudar Teologia.”

Eu posso também encontrar um ponto da minha convergência com Djalma nessa origem. Meus pais são de Itagi, eu nasci em Jequié, mas a convergência maior com a família de Djalma foi por meio de Paulinho Torres, nós trabalhamos juntos por um período, e Paulinho é um ser especial com quem desenvolvemos uma relação de amizade, de companheirismo. O ofício dele de advogar para os trabalhadores rurais se confundia com a missão de lutar por um país justo, por um mundo com oportunidades para todos, especialmente por um Brasil sem latifúndio e com reforma agrária. Então, isso era como se eu tivesse um pouco do pastor Djalma ao meu lado, esses anos de convivência com Paulinho.

O pastor Djalma (lê) “(...) Começa seus estudos na área religiosa, mas, para manter seu sustento, faz o concurso do Banco do Brasil. Em seguida, é transferido para Recife, onde conclui o curso de Teologia. Na capital pernambucana, foi auxiliar da Igreja Batista do Cordeiro.

Em seguida, a Igreja Batista da Graça, localizada em Salvador, o chamou para que fosse consagrado pastor da igreja.

Graduou-se em Teologia e em Ciências Sociais, depois fez especialização em História e Cultura da África e Afrodescendência e foi mestre em Teologia. Pastoreou a Igreja Batista da Graça (de 1970 a 1975) e a Igreja Batista de Nazareth (de 1973 a 2007). Também desenvolveu um forte trabalho associativo, teológico, de articulação do ecumenismo e depois de diálogo inter-religioso.

À frente da Igreja Batista de Nazareth por mais de 30 anos, o pastor Djalma Torres se destacou como um dos mais respeitados líderes religiosos no estado da Bahia. Como escritor e mestre em Teologia, foi um ferrenho intercessor do diálogo inter-religioso e do ecumenismo, defendendo sempre o indistinto respeito à liberdade de fala do cidadão ante o segmento religioso que pretendesse professar.”

Para o pastor Djalma, não importa o que você fala, não importa o que você pensa, o que importa é o seu direito de falar o que você pensa. Essa, para mim, é uma inspiração que vem de Rosa Luxemburgo, da qual talvez o pastor Djalma seja a tradução da ação prática a garantir e assegurar o direito de liberdade de todos com quem ele conviveu.

(Lê) “A ação do pastor Djalma se confunde com os movimentos mais generosos da nossa sociedade desde a década de 1970, os mais libertários, pela justiça, pela democracia, pela liberdade de expressão. Na época da ditadura, era difícil resistir à repressão e a todo seu terror, torturas e assassinatos, mas isso não amedrontou Djalma na liderança da sua Igreja Batista de Nazareth, no acolhimento de perseguidos, na participação da campanha e de comitês pela anistia de perseguidos políticos, na denúncia de abusos contra os direitos humanos. Era muito nítida sua identidade com o amplo movimento que mudou a cara do Brasil no final da década de 1970 e na década de 1980,

com a democratização, a Constituinte, a nova Constituição, as eleições em todos os níveis, a liberdade de expressão.”

Eu conheci o pastor Djalma por meio de um queridíssimo amigo que está aqui hoje, Célio Maranhão. Célio Maranhão, militante ativo do Partido dos Trabalhadores, meu amigo, que eu considero como um pai, ele é que fazia essa ponte da geração que enfrentou mais diretamente a ditadura com a nossa, a nova geração, e me apresentou ao pastor Djalma e o seu trabalho na igreja. O que me encantou em Djalma, naquele primeiro contato, foi o fato de aquela ser uma igreja diferente, uma igreja acolhedora, sem limites, uma igreja em que podiam entrar uma prostituta, um homossexual, um drogado, um senhor de gravata, uma senhora bem pintada, e era a igreja de Cristo.

Eu, desde aquele momento, fiquei fã de Djalma e falei: “Esse pastor é uma referência para mim na pregação cristã”. Então, Célio Maranhão, muito obrigado por ter feito essa ponte e esse contato com o nosso querido amigo, o pastor Djalma. (Palmas)

Djalma (lê) “Teve um livro publicado em 2011, *Caminhos de Pedra*, em que narra a sua trajetória de vida e seu engajamento no movimento ecumênico.

Foi presidente do Centro de Pesquisa, Estudos e Serviço Cristão (Cepesc), membro do Conselho Ecumênico Baiano de Igrejas Cristãs (Cebic), da Igreja Evangélica Antioquia e da Fraternidade de Igrejas Evangélicas do Brasil. Fundou, junto com o maestro Angelo Rafael, em 2013, o Coral Ecumênico da Bahia (CEB), associação formada por voluntários, religiosos ou não, que se unem para celebrar a diversidade cultural, étnica e religiosa, propagando o respeito e a boa convivência.

Pastor Djalma, sempre solícito e amigo dos fiéis do candomblé, reservava um espaço do seu tempo para as reuniões e caminhadas junto ao povo de santo ou para sugestões de posturas de combate à intolerância religiosa. O pastor Djalma Torres, pela sua seriedade e apoio às causas dos que sofrem discriminação religiosa, tornou-se um irmão especial do povo de santo. E para retribuir este seu carinho e solidariedade, reconhecendo a sua coragem, sinceridade, em um tom alegre, carinhoso e respeitoso, desejando ter a honra de integrá-lo ao meio, o povo de santo resolveu chamá-lo de pastor Djalma de Ogum.” (Palmas)

Aqui, eu creio que tem uma síntese da história do pastor Djalma. Eu nunca ouvi falar, nunca conheci um pastor que mantinha o título de pastor e agregava a esse título o nome de um orixá. Só Djalma foi capaz disso, o único. Djalma também, quando falo isso, me traz outra inspiração. Minha atual esposa está aqui, quando me casei, eu conversei com ela sobre a cerimônia, sobre o que nós iríamos fazer... Eu sou ecumênico, eu sou um pouco católico, sou um pouco evangélico, sou um pouco do candomblé, sou um pouco Djalma Torres, e ela é da Batista, e eu falei: “Vamos encontrar, então, um pastor batista”. E de logo, me veio a associação com o pastor Djalma. Quando eu dei a sugestão para ela, ela, de imediato, adorou.

A celebração me marcou e me marca até hoje porque eu já tinha participado de alguns casamentos que foram celebrados por pastores evangélicos, e o lugar da mulher no casamento sempre era retratado de forma muito conservadora. O pastor Djalma fez uma ode ao feminismo no nosso casamento. Ele colocou, com bastante precisão, o que é que a Bíblia, o que é que a inspiração cristã destina à posição da mulher na sociedade, na

família e no casamento. E para ficar marcado, ele entregou por escrito – ele entregou por escrito – o discurso dele.

Esse discurso está guardado lá em casa. Quando tem alguma contenda, dizemos: vamos consultar o pastor Djalma? É a forma como ele está presente na nossa vida até hoje, e posso dizer que o meu casamento é coroado de muita felicidade, de muito amor, e certamente essa contribuição do pastor Djalma foi muito importante e continua sendo muito importante em nossas vidas. (Palmas)

Djalma (lê) “Recebeu o Prêmio Direitos Humanos, do Ministério dos Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil, na categoria *Diversidade Religiosa*, pelas atividades realizadas em favor do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, o prêmio foi entregue a ele pela presidente Dilma Rousseff no ano de 2012. Guiado pela premissa de que ‘o que importa são as pessoas’, pastor Djalma Torres sofreu ameaças de expulsão do ministério eclesiástico desde o seminário, perseguições políticas e retaliações institucionais.

Seu trabalho em prol da igualdade de direitos para todas as pessoas e entre todas as religiões encontrou obstáculos, mas nenhum capaz de demovê-lo do seu propósito.

Tornou-se um apóstolo do ecumenismo, caminhando por todo o Brasil, e mesmo no exterior, em defesa da liberdade religiosa. Fez pregações na Argentina, na Nicarágua e em Cuba, participou de diversos eventos reunindo líderes e igrejas ecumênicas da América Latina e do Caribe, dos Estados Unidos e da Europa.

Ajudou a criar o Koinonia Presença Ecumênica e Serviço no Rio de Janeiro e, em conjunto com lideranças de diferentes religiões, foi membro fundador e diretor de uma das mais importantes organizações da sociedade civil que divulga a história de Canudos a partir da experiência de luta e resistência do povo do Sertão, o Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC). Ele deu continuidade ao trabalho de divulgação da causa popular de Canudos na conjuntura da época, em que as organizações populares estavam sendo criminalizadas.

A Bahia muito sentiu a morte física do pastor Djalma no dia 23 de maio de 2020, aos 80 anos. A mensagem do pastor Djalma há de reverberar na sociedade brasileira, mais ainda em tempos de intolerância e intransigência como os que estamos a atravessar no Brasil.”

Eu não tenho dúvida nenhuma de que, se estivesse entre em nós, o pastor Djalma estaria na trincheira daqueles que lutam contra o ódio, contra as mentiras, contra a manipulação da fé, contra as deturpações religiosas, contra as *fake news*. Não tenho dúvida nenhuma de que o seu legado, toda a sua história, a sua trajetória devem nos animar, devem nos inspirar, especialmente quando nós temos um presidente da República que estimula armas em vez de livros, que destila preconceitos, que desenvolve intolerância contra todas as pessoas. É esse legado do pastor Djalma que nos deixa de pé para dizer que outro Brasil é possível, sem esse presidente da República.

(Lê) “Por essa razão é que se revestem de importância as homenagens a Djalma Torres, para que o exemplo dele ecoe sempre”.

Djalma Rosa Torres, presente!

Pastor Djalma Rosa Torres, presente.

Pastor Djalma Rosa Torres de Ogum, presente! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Neste momento, assistiremos à apresentação do Coral Ecumênico da Bahia com a música *Asas da Alma*.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Obrigado ao coral. Daqui a pouco eles voltam para alegrar nossa tarde.

Mas neste momento assistiremos a apresentação do vídeo sobre a trajetória de vida e legado do pastor Djalma – Seminário Batista e Caminhada Ecumênica. Enquanto preparam o vídeo, eu vou citar as presenças aqui da deputada, querida amiga, Fátima Nunes, do queridíssimo amigo, professor, ex-deputado e imortal da Academia de Letras da Bahia, Emiliano José, do maestro Ângelo Rafael e todos os membros do Coral Ecumênico da Bahia, Robinson de Meireles Nunes, presidente do Centro Cultural Islâmico da Bahia, e do queridíssimo amigo Joviniano Neto, presidente do Grupo Tortura Nunca Mais.

Aproveito para convidar para compor a nossa Mesa a Sr.^a Secretária da Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis.

Vamos ao vídeo, com a participação do pastor Júlio Borges, Nilza D’la Fonte e Dinéia Muniz.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Neste momento, ouviremos o pronunciamento do representante da Igreja Batista Nazareth, o Pr. Joel Zeferino. (Palmas)

O Sr. JOEL ZEFERINO: Muito boa tarde, a todos, todas e todes aqui presentes, aqui, neste plenário, que trazem no seu coração um pouco da memória do pastor Djalma Torres. Quero também saudar a Mesa, de representações tanto civis como religiosas, na figura do deputado Robinson, que é o proponente desta sessão.

(Lê) “*‘Eu não ousaria aqui relatar estes dois aspectos do meu pastorado: dedicação quase sacrificial e amor sem limites. Sei que nutro um amor apaixonado, quase obsessivo por Nazareth’*”

Com essas palavras, proferidas pelo Pr. Djalma Rosa Torres no seu sermão de despedida da Igreja Batista Nazareth em 14 de fevereiro de 2007, e depois recolhido em seu livro ‘Caminhos de Pedra’ poder-se-ia certamente resumir a intensidade do Ministério Pastoral de mais de 30 anos dos 47 que a igreja hoje acumula.

Mais do que isso, suas palavras são símbolo de seu caminhar apaixonado e apaixonante nessa comunidade que passaram a ser partes da vida um do outro irreconciliavelmente – Nazareth de Djalma, Djalma de Nazareth.

Prestar essa homenagem a sua Intensa labuta para construir a comunidade e levá-la além de muitos limites antes pensados, é falar, portanto, de uma relação concreta com pessoas, mais do que com uma institucionalidade, que marcaram e construíram nesse grande mutirão, essa comunidade especial, que a partir de alicerces

firmes, pode ousar ainda hoje a surpreender e até mesmo chocar os que insistem em se apegar a tradições que não colocam o ser humano em primeiro lugar.

Isso é marca e legado do Pr. Djalma D'Ogum, elogio muito sério de amigas e amigos de religiões de Matriz Africana, às quais ele dedicou parte importante de sua vida, para o combate à intolerância, e à promoção da Diversidade, mas que também foi utilizada por mentes fechadas, como forma de depreciar aquilo que era sua qualidade superior: a capacidade de conviver antes de julgar; de espalhar amor, e colher de volta.

Como já disse, por se tratar de uma relação concreta com pessoas, falar da sua importância para a história de Nazareth, é falar de muitas pessoas ao mesmo tempo. Não ousa, porém, citar nomes, pois seria injustiça crassa, tantas foram as pessoas que lhe atravessaram o pastoreio, em que marcas e memórias, partilhas e lutas foram compartilhadas.

Minto: me atrevo a citar um nome: Olusivone Santana de Oliveira Torres. Sua esposa e companheira de todas as horas. Além de lhe dar suas maiores alegrias, seus filhos Maurício, Fabrício e Clarissa, que por sua vez trouxeram mais presentes na forma de netas e netos, todas amadas incondicionalmente pelo coração do avô mais que coruja. Mas Olusivone será sempre contada, como na passagem do Evangelho de Mateus 26:13 'em todo o mundo, também o que ela fez será contado, em sua memória.' Bem, não sei se no mundo todo, mas pelo menos para o Papa João Paulo II, quando de sua visita a Salvador, o nome de Olusivone, que lhe causou embaraço na pronúncia, o que o fez repetir várias vezes (aliás, uma das histórias prediletas de Pr. Djalma, que ele nunca cansou de contar), foi levado ao Vaticano!

Que fique, pois, gravados nos anais da história dessa Casa, e no coração de todas, todes, todos que hoje aqui estão: Pr. Djalma Vive! Vive em Nazareth, e em todos os muitos caminhos que seus pés pisaram. Obrigado.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Neste momento, assistiremos a apresentação do Coral Ecumênico da Bahia, com a música *Ave Maria*.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Registrar a presença aqui, representando Ordep Serra, que é presidente da Academia de Letras, da Sr.^a Regina Serra.

Registrar também, com grande alegria, a presença aqui de Penildon Silva Filho, recém-eleito vice-reitor da Universidade Federal da Bahia e amigo do Pe. Djalma; representando o Ex.^{mo} Sr. Secretário da Educação, Danilo Melo, Margareth Passos, assessora do gabinete.

Registrar e agradecer pela presença de Andrea Sales de Oliveira, coordenadora da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos da Bahia; Gabriel Oliveira, representando o deputado federal Walmir Assunção; Márcio Lima, assessor da Cáritas Nordeste III; Bruno Luís Teles de Almeida, reverendo da 1ª Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; querida Eliana Rollemberg, vice-presidente da Com Foco Bahia; professora Adriana

Lima, do colegiado de Direito da UEFS; Primo Maldonado, do grupo Primo Confrade, da Livraria LDM. (Palmas)

Vou ler uma mensagem que acaba de chegar às nossas mãos.

(Lê) *“Prezado deputado, ao cumprimentá-lo acusamos o recebimento de convite, reportado ao Ex.^{mo} senador Jaques Wagner, para Sessão Especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao pastor Djalma Rosa Torres. Todavia, não será possível confirmar a presença do senador por estar cumprindo compromissos anteriormente assumidos. Entretanto, faz questão de enviar a seguinte mensagem para a sessão.*

‘Na minha impossibilidade de estar presente na Sessão Especial de outorga da Comenda Dois de Julho, in memoriam, ao pastor Djalma Torres, por compromissos previamente assumidos, faço questão de enviar esta manifestação.

Primeiramente, parabenizo ao deputado Robinson Almeida pela proposta e o conjunto dos deputados e deputadas por ter aprovado.

E, de uma forma muito especial, à memória do pastor Djalma Torres, reconhecido líder religioso da Bahia, importante articulador do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, defensor da democracia e das liberdades.

O trabalho, a caminhada e os ensinamentos do pastor Djalma sempre foram guiados pelo respeito a todas as pessoas, independentemente da fé que cada uma professe.

E isso deve servir de exemplo para toda a sociedade. Em tempos de tanto ódio e tanta intolerância, é o respeito que deve ditar as relações. É por meio dele que podemos conviver entre diferentes, crescer com as divergências e crescermos enquanto humanidade.

Jaques Wagner - Senador da República.” (Palmas)

Neste momento, assistiremos a mais um vídeo sobre a trajetória e o legado do Pr. Djalma.

(Precede-se à apresentação do vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Registrar as presenças da queridíssima vereadora de Salvador Maria Marighella; do queridíssimo amigo pastor Josenias Dias, pastor da Igreja Batista Casa de Davi, preside o Movimento Unificado Democrático Evangélico; do amigo Gutierrez Gaspar, representando o deputado estadual Jacó e do Setorial Nacional Inter-religioso do PT; de José Alex da Silva Oliveira, coordenador de cultura do IPMC, Secretaria de Cultura de Canudos; Maria Amélia dos Santos Barbosa, mãe de santo do Ilê Axé Igã Igã Jitoludum. (Palmas)

Vamos ouvir agora mais uma apresentação do coral. Não é a “Oxalá” que o pastor Djalma pedia às sextas-feiras, mas hoje nós vamos de “Iemanjá”.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Concedo a palavra ao padre Lázaro Silva Muniz, Sr. Reitor do Santuário São Raimundo e capelão da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

O Sr. Pe. LÁZARO MUNIZ: Queridos irmãos, queridas irmãs, é uma honra poder mais uma vez estar nesta tribuna para usar da palavra, homenageando alguém tão

especial, que é o pastor Djalma Torres. Minha saudação toda especial e carinhosa aos seus familiares, especialmente aos seus filhos, Fabrício, Maurício, Clarissa, e a toda a família, para que Deus abençoe sempre mais, com certeza.

Quero saudar o nosso deputado Robinson Almeida, proponente desta honraria, e nele também saudar todos os deputados e deputados que estão aqui presentes. Nossa alegria também de poder encontrá-los.

Saudar a todos e todas da Mesa na pessoa da nossa comendadora Fabya Reis, a quem há pouco tempo estávamos também prestando a mesma homenagem aqui. Em nossa secretária da Sepromi saudar a todos que estão nesta Mesa. (Palmas)

Minha saudação amiga, carinhosa à Igreja Batista Nazareth, lugar de resistência, luta e fé. É tão bom estar naquela igreja, é tão bom poder visitar.

Saúdo carinhosamente toda a assembleia que está aqui reunida, especialmente às demais autoridades e representantes dos diversos segmentos que dão brilho a esta sessão de outorga desta honraria mais do que merecida ao pastor e irmão Djalma Torres.

Meu primeiro contato com o pastor Djalma não foi lá muito bom, não. Nós tivemos muitas dificuldades. Eu não o compreendia muitas vezes. E ele teve de fazer um processo para me ajudar a compreender como a gente podia fazer isso. Eu era, ainda, estudante de teologia. Já se vão quase 30 anos. E para entender como a gente podia fazer esse processo não foi fácil. Mas eu agradeço, porque sei que ele teve paciência comigo para me ajudar a entender como é possível tratar as pessoas, como é possível respeitar as pessoas, como é possível conviver com as pessoas, independentemente das suas opções, suas escolhas e suas orientações.

O pastor Djalma é mais do que pastor de almas. Ele quis ser pastor de corações, pastor de gente que ri, que chora, que sofre, que luta, que grita, que clama por justiça e, acima de tudo, de gente que ama.

O pastor Djalma é o responsável pela minha caminhada ecumênica e inter-religiosa. Graças a ele, eu compreendi o que se chama respeito entre as religiões. Já disse a vocês que não foi fácil chegar a essa conclusão. Precisei escutá-lo muitas vezes; questioná-lo, também, tantas outras. Nos lugares onde eu podia estar com ele, tinha, sempre, algumas questões a fazer, mas fazia sempre mais em *off*, porque eu não queria me expor. Sempre achava que não devia.

Posso dizer a vocês, irmãos e irmãs, que sofri bastante, pois não entendia como viver com aqueles que nos ensinaram que devíamos chamar de inimigos, porque foi assim que nos ensinaram. O outro que tem outra religião não é meu amigo. Logo, não posso, não posso sentar, não posso conviver; tenho que expulsar, tenho que ser intolerante, tenho que tratar com desrespeito. Foi assim que nos ensinaram.

Djalma fez-me ver que o verdadeiro inimigo era a nossa falta de amor, porque o mandamento de Jesus sempre foi amai-vos, não foi nem armai-vos, nem “intoleraí-vos”. Não é? O mandamento de Jesus foi amai-vos. (Palmas)

Quero, imensamente, agradecer e dizer ao pastor Djalma, na sua graça, na graça de Deus, no orum, onde quer que ele esteja, porque podemos dizer, a partir dos segmentos religiosos, que ele vai estar em diversos lugares. Mas, certamente, o que

queremos é que ele esteja no coração de Deus, porque foi para isso que ele nos educou, para que nós estivéssemos no coração de Deus.

Dizer ao pastor Djalma muito obrigado por sua missão de pastorear as gentes, independentemente dos rótulos ou, como ele dizia, que eu lembrei na mensagem “das nossas idiossincrasias”, porque todo mundo as tem. E ele dizia que “é necessário continuar a missão”. A missão de Djalma, agora, é nossa de continuar construindo um mundo onde seja a casa de todos, onde haja respeito, onde as pessoas não sejam tratadas como adversárias só porque têm religião diferente.

Muito obrigado pela oportunidade.

Bênçãos de paz a todos e todas.

Viva o nosso querido pastor Djalma Torres! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Neste momento, assistiremos à apresentação de vídeo sobre a trajetória e vida do pastor Djalma, a sua caminhada política, social e cultural.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Neste momento, assistiremos à apresentação da música *Migrante*, cantada pela filha do pastor Djalma, o nosso homenageado, Clarissa Torres. (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Registrar as presenças de Cláudio Sena, amigo; Fagner Moreira, representando o deputado federal José Neto; Vivaldo Pereira e Jorge Araújo, representando o deputado estadual Bira Corôa; Marcos Mendes, da direção estadual e ex-vereador do PSOL; Marcele Silva do Vale, coordenadora do meio ambiente do Instituto Búzios; Bruno Moraes Amorim da Cruz, diretor de política da Sedur; Herdem Glacie Alves de Almeida, pastora Casa de Davi; e Antonio Jaques dos Reis, do PDT. (Palmas)

Neste momento, assistiremos à exibição do vídeo com trechos do programa *Bahia de Fé*, com imagens do pastor Djalma Torres, concedido pela produtora Santo Guerreiro.

Nossos agradecimentos a Jorge Felipe pela cessão do material.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Neste momento, convido o Sr. Paulo Torres, irmão do homenageado; o Sr. Maurício Torres, o Sr. Fabrício Torres e a Sr.^a Clarissa Torres, filhos do homenageado, para, em nome do Poder Legislativo, receberem a Comenda Dois de Julho, *in memoriam*, ao pastor Djalma Torres.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.^a Clarissa Torres: Eu queria, neste momento, pedir a todas as representações e a todos nós que estamos no Plenário, pois esta homenagem é para todos nós. Fazemos parte desta caminhada. Eu queria pedir que todos nós nos levantássemos para receber esta homenagem todos juntos. Somos todos homenageados aqui. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Tenho a satisfação de passar a palavra ao Sr. Paulo Torres, um dos representantes da família.

O Sr. PAULO TORRES: Boa tarde a todos e todas.

Inicialmente, em nome da nossa família, eu queria representar os pais de Djalma e os irmãos de Djalma, os vivos e aqueles que se foram. Falo, então, em nome de 12 irmãos comigo, juntos, e dos pais de Djalma. Queria, em nome dessas pessoas, agradecer, imensamente, a esta Casa a concessão da comenda a Djalma.

E queria agradecer, especialmente, ao nosso companheiro e deputado Robinson Almeida pela iniciativa e pela luta para conseguir esta homenagem para Djalma. Robinson Almeida fez isso exatamente pelo conhecimento que ele demonstrou, pela vivência com Djalma, pelo reconhecimento a tudo que Djalma também contribuiu para ele. Mas, para nós, participantes da organização desta comenda, seria impossível isso acontecer se não fosse o esforço das pessoas que trabalham no gabinete de Robinson.

Eu queria agradecer, imensamente, a Joana, Daniela e Vítor pelos esforços contínuos feitos para que a gente pudesse receber esta comenda. (Palmas)

Quero agradecer, imensamente, a todas as manifestações feitas, mas também a todas as representações que estão aqui.

Clarissa falou que todos nós estamos representando alguém além de nós ou alguma coisa além de nós. E isso é verdade. Então, quero agradecer muitíssimo a todas as pessoas que estão nesta Mesa, às nossas queridas mães de santo, aos nossos pais de santo, aos nossos pastores, às nossas pastoras, ao nosso Sheikh, pois eles são pessoas que estiveram, sempre, na caminhada com Djalma. (Palmas)

Muito obrigado pelas presenças de todos vocês.

Sintam-se, inteiramente, abraçados pela nossa família.

Eu queria, muito rapidamente, falar de uma coisa aqui. Talvez só os irmãos de Djalma conheçam, que eu vou chamar da pré-história de Djalma. Eu vou falar da pré-história, porque a história todo mundo conhece, porque, como dito, Djalma se tornou um homem público.

Mas Djalma, como também o deputado Robinson já falou aqui, era o segundo de 12 filhos. Quando eu conversei hoje com a jornalista daqui do mandato e quando eu disse que eram 12 filhos, ela tomou um susto. Doze irmãos? Ela tomou um susto por saber que nós fomos 12. Hoje, somos seis vivos. Mas já fomos 12. Djalma foi o segundo, ou seja, antes, tinha uma irmã, e Djalma foi o primeiro irmão homem da família.

Se a gente imaginar uma cidade do interior, uma cidade não, uma vila do interior, na década de 1960, quando não se tinha quase nenhuma forma de comunicação, o telefone fixo era privilégio de poucos e não havia nenhuma outra forma de comunicação.

Lá, naquele momento e muito antes disso também, o casal Antônio Torres e Angélica Torres garantiram que os seus filhos seriam, estudariam e iriam muito além do que eles próprios foram. E eles, nessa caminhada, não mediram esforços. Meu pai era um homem de poucas letras, mas era aquele intelectual que lia e, em plena década de 1930, fez teatro, mas era um trabalhador rural, um pedreiro, um carpinteiro, alguém muito humilde.

Para a nossa sobrevivência, esse homem trabalhava a semana inteira nas fazendas dos grandes fazendeiros da região. Na sexta-feira à noite, ele viajava para Itagi para levar o dinheiro que a minha mãe fazia a feira no sábado. Aquela feira deveria durar toda uma semana. Eu posso afirmar que eu tive o pai mais trabalhador do mundo e a mulher, a mãe, melhor administradora do mundo. (Palmas) Não era fácil sobreviver naquelas condições.

Mas o grande mérito que os meus pais tiveram – daqui a pouco eu entro na situação de Djalma – é que eles não queriam que a gente, apenas, sobrevivesse. Eles queriam que a gente fosse além, que a gente estudasse, com todo o sacrifício que representava naquele momento, fazer um curso. E, aí, eu vou falar na linguagem daquele tempo: um curso primário, um curso ginásial, um curso colegial e uma universidade. Era extremamente difícil. Mas, ainda assim, nós conseguimos que todos os 12 filhos estudassem, que todos os 12 filhos tivessem a oportunidade de melhorar e de crescer, sendo, intelectualmente, de crescer como gente, de crescer como pessoa.

Então, nessa visão de que era preciso estudar, que era preciso se desenvolver, a gente vai fazendo o que Clarissa cantou aqui maravilhosamente, a gente vai migrando. E vai migrando de Itagi para Jequié, e migra de Jequié para Salvador.

Pessoalmente, adquiri uma gratidão muito grande a Djalma, porque quando encerrei o meu curso ginásial em Jequié, eu queria, à época – quem tem os cabelos brancos como eu aqui vai se lembrar disso –, fazer o curso clássico. Aquela época você já era direcionado: quem queria fazer ciências humanas fazia o curso clássico, quem queria fazer o curso de exatas ou medicina ou outras carreiras fazia o curso científico. E cismei aos 13, 14 anos que eu queria ser advogado. Eu frequentava o Fórum Humbertino Passos, lá em Jequié, ainda adolescente, para ouvir os advogados, para assistir àqueles eventos que aconteciam no fórum. E cada vez mais me crescia essa amizade, essa decisão de ser advogado. Ainda bem que não fui criminalista.

Como o deputado Robinson lembrou aqui, eu me dediquei às questões rurais, à luta pela terra, até porque o meu pai também era um trabalhador sem-terra, trabalhava em fazenda dos outros e não tinha terra.

Mas ao longo dessa minha vida, Djalma assume um papel importante, porque quando terminei o ginásial em Jequié, fui para Recife e dividi o apartamento do Seminário Teológico Batista do Norte com Djalma, o que me permitiu fazer o curso clássico em Recife. E, voltando para Salvador, fazer a faculdade de Direito. Porque era outra dificuldade na época, já que só existiam a Universidade Federal e a Universidade Católica. Eu entrei para a Universidade Federal.

Eu queria dizer a vocês que nessa pré-história de Djalma e nessa migração que a gente faz, Djalma sai de Itagi e vai para Jequié. E lá em casa era preciso que todo mundo trabalhasse. Esses 12 não eram mãos ociosas, todo mundo precisava ajudar para sobreviver. A sobrevivência precisava ser garantida, bem como o trabalho. E ainda bem que naquela época a Constituição não proibia o trabalho de menores de 14 anos, senão nós estávamos todos fritos, porque todo mundo teve que trabalhar mais ou menos nessa época. E Djalma não foi exceção. Djalma trabalhou durante toda a vida até fazer o concurso para o Banco do Brasil, trabalhar em Jequié – isso já foi relatado aqui – e ir para Recife, onde fez todo o curso de Teologia trabalhando no Banco do Brasil.

Eu queria ressaltar alguns aspectos para concluir. Primeiro, a generosidade daquele irmão que não quis crescer sozinho. Ele serviu, ele foi mais do que um amparo. Ele vai ser o guia que vai nos ajudar a também crescer juntos, a estudar, a ter valores, respeitar os valores, respeitar a nossa família, respeitar os amigos, os vizinhos, as demais pessoas. Então Djalma foi também aqui – e o padre Lázaro coloca também o termo orientador – esse orientador.

Eu queria então dizer que nessa caminhada lá, que estou chamando aqui de pré-histórica, foi importantíssimo que Djalma fosse esse condutor dos seus irmãos para que a gente pudesse galgar, estudar e continuar crescendo.

Isso para nós foi fundamental. Esse Djalma pastor também vai ser o meu companheiro de muitas jornadas. Nós fomos juntos para a Sedit, juntos a gente fazia parte do trabalho conjunto de Salvador. A gente estava nas militâncias ecumênicas e sociais. E nós dois sempre juntos. Eis por que a separação física não é uma coisa tão fácil.

Eu tenho uma frase interessante de duas terapeutas que analisaram a questão do luto e disseram assim: há os lutos do marido e da mulher, do pai e do filho, do filho para pai, do marido para mulher, das pessoas, é um luto visível, com o qual todo mundo se emociona, que todo mundo entende. Mas e o luto do irmão? Como é esse luto do irmão? E as duas terapeutas, depois de uma pesquisa, escreveram o seguinte: o que se perde quando o irmão morre, é bastante específico. Um parceiro da vida inteira, o companheiro do futuro, um modelo, um parceiro, um competidor, um amigo, um protetor, um protegido. Djalma era tudo isso para nós. E a sua ausência nos faz muita falta também nesse sentido.

Dois anos atrás, eu escrevi um pequeno texto em que eu dizia, resgatando o apelido que Djalma tinha no seminário e da minha convivência lá, naquele período. Eu escrevi um texto que chamei *Os Voos do Canário-Belga*. Canário-belga era o apelido que ele recebera no seminário. Aliás, todo mundo lá no seminário, naquela época, era batizado com um apelido. Djalma, até pela sua imponência, segundo os colegas dele, foi tratado como Canário-belga. Eu fiz um texto em homenagem a Djalma, resgatando esse tema. Naquele texto que escrevi, eu concluía dizendo: no dia 23 de maio de 2020, o Canário-belga fez o seu último voo.

Hoje, sinto que eu estava errado. O Canário-belga não fez o seu último voo. O Canário-belga continua presente em todas essas manifestações que nós vimos aqui. E essa construção que ele fez durante toda a vida se evidencia nesse momento aqui. Eu estava brincando ali na antessala deste auditório e me perguntava: quem seria capaz de reunir tantas mães de santo, pais de santo, tantas religiões diferentes, tantos pastores, tantas pessoas? Qual o líder religioso, hoje no Brasil, que teria competência, capacidade e pertinência para reunir todas essas pessoas?

Por isso, eu acho que o nosso Canário-belga continua voando, continua fazendo e dando exemplo.

Para concluir, eu acho que posso aplicar a Djalma o que Engels aplicou a Marx quando do sepultamento deste. E vou parafrasear Engels, que os dois me perdoem a ousadia. Mas Engels, no encerramento do seu discurso sobre Marx, fala sobre todo o processo histórico construído por este pelas obras que ele deixou e que por isso mesmo

jamais seria esquecido. Então, parafraseando Engels, eu diria que posso ousar dizer que Djalma teve muitos opositores. Disso também já se falou um pouco, mas ele nunca teve um inimigo pessoal. O seu nome vive e viverá para sempre e com ele todas as suas obras.

Muito obrigado. Obrigado, Robinson. Obrigado a todos vocês. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Vamos ouvir agora Maurício Torres, filho do pastor Djalma.

O Sr. MAURÍCIO TORRES: (Lê) “Excelentíssimo Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia; Excelentíssimo Sr. Deputado Robinson Almeida, proponente desta Comenda; Excelentíssimos Srs. Deputados e Excelentíssimas Sr.^{as} Deputadas...” aqui presentes ou representados, “(...) Digníssimas e Digníssimos representantes de entidades; minhas senhoras e meus senhores, é com muita alegria que, em meu nome, em nome da minha mãe, também *in memoriam*, em nome dos meus irmãos Fabrício e Clarissa Torres, de nossas famílias, sobrinhos, sobrinhas, sobrinhos-netos e sobrinhas-netas do pastor Djalma Torres que eu agradeço ao deputado Robinson Almeida, proponente desta Comenda Dois de Julho, que homenageia a trajetória de vida de nosso pai.” Agradeço também a esta Casa.

(Lê) “Gostaria também de agradecer também a cada pessoa e entidade que reservou um pouco do seu tempo para prestar essa homenagem. Seja se fazendo aqui presente, gravando seu depoimento em vídeo, participando da organização ou enviando mensagens de felicitações e alegrias.

Poucas pessoas conseguem mudar o mundo para além do seu círculo de relacionamento. Nosso pai foi uma dessas pessoas. Suas palavras e ações ganharam o mundo e contribuíram decisivamente para uma narrativa diferenciada de Deus. Um Deus despreocupado com sua unicidade e feliz com a sua manifestação ubíqua e plural. Um Deus voltado para sua criação, para os seres humanos em suas relações interpessoais, sociais, políticas, econômicas e com o meio ambiente.

Sua caminhada ajudou a resgatar uma nova possibilidade de ser igreja: inclusiva, fraterna, proscrita. Essas possibilidades nutriram sonhos para muito além da eclesiologia ou da teologia. Deram asas à imaginação de muitos, que a ele se juntaram nessa caminhada.” E hoje são aqui também homenageados.

(Lê) “A trajetória de nosso pai marcou também, decisivamente, a vida de cada um de nós em sua família, sua esposa, filhos e netos. Reflexos na vida pessoal das escolhas feitas em prol de uma visão de mundo. Essa marca nos *acompanha como tatuagem*, nos inspira e desafia a querermos mais da vida, a sermos mais como pessoas e a construirmos o nosso caminho, independente de pressões ou convenções sociais.

Por isso, no momento desta homenagem, só me resta dizer: obrigado. Obrigado, meu pai! Obrigado pelas preciosas lições de vida deixadas para uma família que sempre o terá presente; na cabeça e no coração de cada um de nós”.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Vamos ouvir a última apresentação do Coral Ecumênico da Bahia com a canção *Oh Happy Day*.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Quero agradecer ao Coral Ecumênico da Bahia, que alegrou a nossa tarde, esta sessão carregada de muita emoção. Quero agradecer também a todos os deputados que aprovaram essa comenda por unanimidade; agradecer aos funcionários da Assembleia, que trabalharam, deram suporte, ao cerimonial e à imprensa para a gente realizar nossa atividade; agradecer à equipe da assessoria do nosso mandato, que se empenhou de forma bastante comprometida para o resultado desta nossa sessão.

Quero convidar todos para um coquetel que a gente vai ter logo após no saguão do Plenário. E, para encerrar a nossa sessão, convido todos a ouvir a execução do Hino da Bahia em homenagem ao nosso querido e saudoso pastor Djalma.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a presença de todas as autoridades, dos amigos, dos familiares do homenageado, das Sr.^{as} e Srs. Deputados, da imprensa e declaro encerrada a sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.